A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1991

A LIAHONA

DEZEMBRO 1991

Capa:
Presépios de todo o mundo celebram o nascimento de Cristo e representam a cultura e tradições de seus criadores. Vide "A Natividade", à p. 34. Fotografia de Steve Bunderson.

Capa da *Seção Infantil*
Fotografia de Steve Tregeagle.

DESTAQUES

SAUDAÇÃO DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA 1

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: JESUS CRISTO: NOSSO SALVADOR, NOSSO DEUS PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON 2

MARIA, SUA MÃE SUSAN EASTON BLACK 6

QUANDO JOSEPH SMITH FOI À NOSSA CASA LORRAINE RICHARDSON 21

VÍTIMAS DE VANDALISMO! O QUE FAZER? JEANNIE LANCASTER 22

O VALOR DO VÉU BRUCE C. HAFEN 26

PRESÉPIOS 34

UM NATAL PERFEITO COMO UM RETRATO M C O'BRYANT 40

AS TRÊS MOEDINHAS RICHARD A. ROBB 44

NATAL EM BOLZANO PATRICK SEAN HOPKINS 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

A PROMESSA LARRY A. HILLER 10

O VERDADEIRO ESPÍRITO DE NATAL ELDER REX D. PINEGAR 18

DEPARTAMENTOS

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: FORTALECIDAS PELA UNIÃO 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: O REI LIMHI ESCAPA COM SEU POVO 2

"SEGUE-ME" MENSAGEM DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA 4

MÚSICA: QUEM É O MENINO? MABEL JONES GABBOTT E MICHAEL F. MOODY 5

"UM LUGAR NA ESTALAGEM" LYNETTE K. ALLEN 6

DOZE DIAS DE COMPARTILHAR JEFF TAYLOR 9

A MENINA QUE LAVOU AS ROUPAS DO PROFETA NANCY B. FULLER 10

TEMPO DE COMPARTILHAR: O MELHOR PRESENTE LAUREL ROHLFING 12

A DESPEDIDA BEVERLY WEBECKE AHLSTROM 14

TRABALHOS DE NATAL CORLISS CLAYTON 16

DEZEMBRO de 1991, Vol. 15, nº 12
91992 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Controlador: Diana W. Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 4.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 340,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1991 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. -Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801--240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

Saudação De Natal Da Primeira Presidência

Numa época de Natal em que testemunhamos distúrbios no mundo todo, fazemos uma pausa para nos lembrar de que o Evangelho de nosso Salvador Jesus Cristo é nossa única esperança de paz na terra e de boa vontade para com os homens.

A mensagem de um anjo para os humildes pastores que cuidavam de suas ovelhas foi: "Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lucas 2:10-11).

Uma multidão dos exércitos celestiais juntou-se ao anjo, louvando a Deus e dizendo: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14).

Regozijamo-nos convosco nesta época gloriosa do ano, quando toda a cristandade celebra o nascimento de nosso Senhor, Jesus Cristo. Que possamos todos comprometer-nos, mais uma vez, a viver de acordo com os princípios de seu evangelho, que nos oferece o único caminho seguro para a paz duradoura e bem-estar do mundo, é nossa esperança e oração para esta época de Natal.

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente Gordon B. Hinckley
Presidente Thomas S. Monson

Jesus Cristo: Nosso Salvador, Nosso Deus

Presidente Ezra Taft Benson

O evento mais importante da história do mundo foi o nascimento de Jesus Cristo.

Desde os dias de Adão até João Batista — cerca de quatro mil anos — homens e mulheres justos esperaram o dia de seu anunciado nascimento. Profetas predisseram o evento, e sacrifícios, símbolos e sinais pressagiaram sua vinda.

Embora ele tivesse uma mãe mortal, Jesus não teve um pai humano. Deus foi o Pai de seu tabernáculo carnal.

O nascimento de Jesus Cristo não foi comum. Embora ele tivesse uma mãe mortal, Jesus não teve um pai humano. As escrituras sagradas identificam o divino pai de Jesus Cristo: ". . . nascerá de Maria, . . . Ela será virgem, um vaso precioso e escolhido, e o Espírito Santo *a cobrirá com sua sombra*, e ela conceberá pelo poder dele e gerará um filho, sim, o próprio Filho de Deus" (Alma 7:10; grifo nosso).

Sim, Deus foi o pai de seu tabernáculo carnal, e Maria — uma virgem mortal — foi sua mãe. Ele é portanto, a única pessoa nascida que merece, legitimamente, o título de "Filho Unigênito de Deus".

Visto que Deus era seu pai, Jesus Cristo tinha um poder que nenhum

outro ser humano teve antes ou depois. Ele era Deus na carne — o próprio Filho de Deus.

Portanto, como registram as escrituras, tinha poder para operar muitos milagres — levantar os mortos, fazer andar o aleijado, dar vista aos cegos e expulsar espíritos malignos. Deu-nos o evangelho, que nos ofereceu como fonte de alimento constante para manter sempre viva nossa espiritualidade. Ouvi suas palavras: "Aquele que beber da água que eu lhe der *nunca terá sede*, porque a água que eu lhe der se fará *nele* uma fonte d'água que salte para a vida eterna" (João 4:14; grifo nosso).

E novamente: "Quem comer este pão viverá para sempre" (João 6:58).

Por ser Deus — o próprio Filho de Deus — podia carregar o peso e a carga dos pecados de todos os homens. Isaías profetizou com estas palavras a disposição do Salvador para tal: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades: . . .

Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras somos sarados" (Isaías 53:4-5).

Aquela atitude santa e desprendida de tomar voluntariamente sobre si os pecados de toda a humanidade é a Expiação. Como *alguém* pode tomar sobre si os pecados de *todos*, está além da compreensão do homem mortal, mas isto sei: Ele tomou sobre si os pecados de todos, e o fez devido ao seu amor infinito a cada um de nós. Ele disse: "Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;

Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar" (D&C 19:16-18).

A despeito dessa provação expressamente dolorosa, ele tomou da taça e bebeu. Sofreu as penas de todos os homens, para que não tivéssemos que sofrê-las. Suportou a humilhação e os insultos de seus perseguidores, sem se queixar ou retaliar. Tolerou o açoite e após, a ignomínia da execução brutal sobre a cruz.

Por ser Deus — o próprio Filho de Deus — só ele teve o poder da ressurreição. E assim, no terceiro dia depois de seu sepultamento, saiu vivo do túmulo e mostrou-se a muitos. Na ocasião, houve testemunhas que o viram. Muitos, nesta dispensação, também o viram. Como uma dessas testemunhas especiais assim chamadas nestes dias, testifico-vos que ele vive. Vive com um corpo ressuscitado. Não existe verdade ou acontecimento do qual eu esteja mais certo ou mais confiante, do que da veracidade da ressurreição literal de nosso Senhor.

Ao meditar no que nosso Salvador fez de tão boa vontade e com tal amor infinito, digo com reverência e gratidão, nas palavras deste hino:

Assombro me causa o amor que me dá Jesus,.
Confuso estou pela graça de sua luz,
E tremo ao ver que por mim sua vida deu,
Por mim tão humilde seu sangue Jesus verteu.
Surpreso estou que quisesse Jesus baixar,
Do trono divino e minh'alma resgatar,
Que desse meu Mestre perdão a tal pecador,
Pra justificar minha vida com seu amor.
Que assombroso é; Oh! Ele me amou
E assim me resgatou.
Que assombroso é! Assombroso, sim!
(*Hinos*, nº 112)

Por ser Jesus Cristo, Deus — o próprio Filho de Deus — ele voltará, como prometeu.

Virá em um dia de iniqüidade — uma época em que os homens estarão "comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento. (Mateus 24:38.)

Ele virá em uma época de grande sublevação e tribulações, quando "toda a terra estará em agitação" (D&C 45:26).

CRISTO NO GETSÊMANI, ARTISTA DESCONHECIDO. EXTREMA DIREITA, DETALHE DE A CRUCIFICAÇÃO, DE GUSTAVE DORE

Por ser Deus — o próprio Filho de Deus — Cristo podia carregar o peso e a carga dos pecados da humanidade.

Virá como o ladrão, à noite, quando o mundo menos esperar: "Mas daquele dia e hora, ninguém o sabe; não, nem mesmo os anjos de Deus no céu, mas somente meu Pai" (Joseph Smith - 1:40).

Testifico-vos estas verdades sobre nosso Salvador. Conheço-o como nosso Mestre. Amo-o com toda minha alma. Oro para que sempre nos lembremos dele e do que fez tão espontaneamente por nós.

(De um discurso do Presidente Ezra Taft Benson, proferido em San Diego, Califórnia, E.U.A., no dia 21 de dezembro de 1979.) □

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. O evento mais importante da história do mundo foi o nascimento de Jesus Cristo.

2. Visto que Deus era seu pai, Jesus Cristo tinha um poder que nenhum outro ser humano teve. Ele era Deus na carne.

3. Por ser quem era, podia carregar a carga dos pecados de outros.

4. Por ser quem era, tinha o poder da ressurreição.

5. Por ser quem é, voltará, como prometeu.

MARIA
Sua Mãe

Susan Easton Black

Por meio de palavras e ações, Maria, a mãe de Jesus, nos ensina algumas significativas virtudes de um verdadeiro discípulo.

Pouco sobre a vida de Maria é registrado nas escrituras. O que está documentado, porém, demonstra que ela (1) obedecia fielmente à palavra de Deus, (2) expressava alegria pelas bênçãos de Deus, (3) recebeu o testemunho e o conselho de Deus por intermédio de seus servos, e (4) teve uma posteridade que glorificou a Deus. Encontramos, na vida de Maria, um exemplo de retidão a ser seguido por todos os santos.

OBEDECER FIELMENTE À PALAVRA DE DEUS

Muitos profetas tiveram conhecimento do papel extremamente importante de Maria no plano de salvação. Sua missão havia sido registrada nas escrituras antigas. (Vide Isaías 7:14; 1 Néfi 11:13-20; Mosiah 3:8; Alma 7:10.)

Maria soube, pelo anjo Gabriel, enviado por Deus para declarar-lhe alegres novas, que seria ela quem cumpriria essas antigas profecias.

O mensageiro angélico declarou: "Salve, ó virgem, grandemente agraciada pelo Senhor. O Senhor é contigo, pois foste escolhida e abençoada entre as mulheres" (Tradução Inspirada de Joseph Smith — Lucas 1:28).

Depois do anúncio, Maria fez uma simples pergunta: "Como se fará isto, visto que não conheço varão?" (Lucas 1:34.) A pergunta de Maria não expressava reserva ou dúvida. Estava sinceramente curiosa sobre como isso aconteceria, pois era uma virgem desposada. Antes da visita do anjo, Maria fora desposada por José, o carpinteiro, mas isto não queria dizer que ela o conhecesse em um relacionamento conjugal. De acordo com o costume judaico, isto significava simplesmente que Maria e José haviam participado de uma cerimônia de compromisso matrimonial (também conhecida como "esponsais" ou "tornar sagrada a noiva"). Era algo semelhante ao noivado, antes do casamento.

À pergunta de Maria, o anjo respondeu: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35).

Por este mensageiro angélico, Maria soube que ela deveria ser a mãe do Filho de Deus, o Filho Unigênito do Pai na carne. A Criança herdaria os traços físicos, mentais e espirituais de seus pais — um, o Deus glorificado; a outra, uma digna e abençoada mulher mortal.

Depois de receber a mensagem do anjo, Maria, em completa obediência, respondeu: "Cumpra-se em mim segundo a tua palavra" (Lucas 1:38). Ao aceitar humildemente esta oportunidade de ser mãe, Maria demonstra a obediência de um verdadeiro discípulo.

EXPRESSAR ALEGRIA PELAS BÊNÇÃOS DE DEUS

Quando o anjo se retirou de sua presença, Maria saiu de Nazaré, à procura de sua prima, Isabel — a mulher que, ao vê-la, compreenderia e se rejubilaria com ela. Quando aquela que estava grávida de João saudou a futura mãe do Salvador da humanidade, o Espírito Santo manifestou-se em Isabel, o bebê saltou-lhe no ventre, e ela prestou testemunho de que Maria seria a mãe do

Filho de Deus. Maria expressou abertamente sua alegria a Isabel, exclamando:

"Eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada:

Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e santo é o seu nome" (Lucas 1:48-49).

Maria comentou, então, com Isabel, que Deus também fizera grandes coisas em toda a história judaica. Reconheceu humildemente sua alegria pessoal por Deus se ter lembrado dela. O grande Deus lhe havia falado por intermédio do anjo Gabriel e, juntamente com Isabel, ela se regozijou por sua próxima maternidade. (Vide Lucas 1:26-55.)

RECEBER O TESTEMUNHO E O CONSELHO DE DEUS POR MEIO DE SEUS SERVOS

Logo após a saudação do anjo, o primeiro testemunho registrado foi o de Isabel. O seguinte a receber o testemunho de Deus foi o esposo de Maria, José. Esse testemunho — e o conselho que o acompanhou — foi conseqüência do conflito interior de José, ao saber da gravidez de Maria. Enquanto estava pensando no assunto, um anjo lhe apareceu em sonho e afirmou-lhe a dignidade de Maria. O anjo disse:

"José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo;

E dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:20-21).

José, como fizera Maria, deu ouvidos ao conselho e "fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher" (Mateus 1:24). Seu nobre caráter exemplifica as virtudes de obediência fiel, assim como de integridade, pois ele "não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus" (Mateus 1:25).

O terceiro testemunho de Deus a Maria, de que temos registro, ocorreu em Belém. Algum tempo depois do casamento de José e Maria, em Nazaré, César Augusto emitiu um decreto "para que todo mundo se alistasse" (Lucas 2:1). Cada judeu deveria registrar-se para ser alistado em sua própria cidade, assim, Maria e José, que eram da casa real de Davi, rumaram para a pequena cidade rural de Belém, a cerca de dez quilômetros de Jerusalém.

Não sabemos quanto tempo decorreu entre a chegada de Maria e José a Belém e o nascimento, mas sabemos que "estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura" (Lucas 2:6-7).

Logo depois, pastores foram ver a criancinha recém-nascida e tornaram-se testemunhas do Filho de Deus. Esses pastores tornaram-se os primeiros missionários cristãos, testemunhando a todos o que haviam visto e ouvido.

A quarta vez que as escrituras afirmam ter Maria recebido testemunho e conselho sobre seu Filho escolhido aconteceu no templo de Jerusalém. A lei de purificação mosaica exigia que a mulher permanecesse em purificação durante quarenta dias depois do parto. (Vide Levítico 12.) Depois desses quarenta dias, Maria e José levaram Jesus ao templo.

Houve, no templo, duas testemunhas, Simeão e Ana. A Simeão, fora revelado que "ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor" (Lucas 2:26). Quando viu Jesus, tomou a criancinha nos braços e louvou ao Senhor, dizendo: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra;

Pois já os meus olhos viram a tua salvação" (Lucas 2:29-30).

Simeão abençoou a família de Jesus, reafirmando especificamente a Maria o chamado divino de seu Filho. Profetizou também a Maria sobre as difíceis experiências terrenas de seu Filho e que "Sim, uma lança o traspassará e traspassará também a tua própria alma" (Tradução Inspirada de Joseph Smith 2:35).

Ana, uma profetisa, confirmou o testemunho de Simeão, "Ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os

que esperavam a redenção em Jerusalém" (Lucas 2:38).

Maria recebeu também a visita de magos do oriente. Uma estrela guiou-os a uma casa onde viram "o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adoraram" (Mateus 2:11). Essa visita foi, para Maria, um outro

BODAS DE CANÁ, DE LUCA GIORDANO

testemunho do divino chamado de seu Filho.

Sabemos, por esses relatos, que Maria estava pronta e disposta a ouvir os testemunhos e conselhos de Deus, vindos de seus servos. Cada um desses servos, em suas diferentes funções na vida, confirmaram a Maria sua condição abençoada perante Deus. Ela vivia de um modo que a tornava sensível às suas mensagens. Sua vida era de receptividade obediente e fiel. Ela não ignorava os conselhos, mas "guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração" (Lucas 2:19).

UMA POSTERIDADE QUE GLORIFICOU A DEUS

Repetidamente o Novo Testamento registra o Filho de Maria glorificando a Deus e demonstrando respeito por sua mãe. Por exemplo, quando Maria procurou Jesus em Jerusalém, depois da festa da Páscoa, ela o encontrou no templo. Maria perguntou: "Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos" (Lucas 2:48). Maria não o repreendeu, pois parece que ela sabia que seu Filho não a estava desrespeitando, mas honrando seu divino Pai.

Outro exemplo em que Jesus manifesta respeito pela mãe, ao mesmo tempo que glorifica o Pai, ocorreu em uma festa de casamento em Caná, uma cidade próxima de Nazaré. Durante essa festa, em resposta a um pedido da mãe, Jesus realizou o milagre de transformar a água em vinho. (Vide João 2:1-11.) Um dos efeitos desse milagre foi que "seus discípulos creram nele" (João 2:11).

A missão que Cristo tinha de glorificar o Pai Celestial e conceder-nos salvação não o impediu de demonstrar profundo amor e respeito pela mãe. Na realidade, as escrituras tornam claro que, mesmo durante a agonia de sua crucificação no Calvário, ele estava preocupado com o bem-estar da mãe. João registra que "junto à cruz de Jesus estava sua mãe" (João 19:25). Quando Jesus viu a mãe ao lado de seu discípulo João, disse: "Mulher, eis aí o teu filho!

Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa" (João 19:26-27).

A vida de Jesus foi de glorificação a Deus. Ele cumpriu antigas profecias referentes a seu ministério, sua expiação, morte e ressurreição. A vida de Cristo é digna de ser imitada. Sua mãe é, também, digna de nosso reconhecimento, por sua retidão e fidelidade. □

Susan Easton Black é professora assistente de história e doutrina da Igreja na Universidade Brigham Young e serve como presidente da Sociedade de Socorro da Estaca 11 da Universidade Brigham Young.

A PROMESSA

A História do Natal narrada e cantada, celebrando a vinda do Salvador

O texto deve ser lido em voz alta. Você poderá fazê-lo sozinho, ou envolver a família ou amigos em uma atividade de grupo, como a noite familiar.

Uma pessoa pode fazer a parte do narrador, ou o texto pode ser dividido entre vários leitores.

Além de cantar alguns ou todos os hinos sugeridos, poderá substituí-los ou adicionar seus favoritos, conforme achar que são apropriados ao espírito do texto. Poderá também usar hinos gravados como acompanhamento.

Larry A. Hiller

A promessa foi feita antes mesmo que Adão respirasse o ar do Éden — a promessa de salvação e redenção. Aquele que foi prometido era um de nós. Era, porém, maior. Ele era o Primogênito.

"Pai", disse ele, "faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre" (Moisés 4:2). "Eis-me aqui, envia-me" (Abraão 3:27).

Confiantes na promessa de que ele os salvaria e de que poderiam voltar para seu Pai, os filhos de Deus caminharam, um a um, para a mortalidade. Para o esquecimento. Para um mundo onde a escuridão reinaria, se não houvesse nenhuma promessa. E a esperança não existiria, a menos que a promessa fosse conhecida pelos filhos de Deus.

Como fogo dos céus, a revelação penetrou as trevas. E como uma chama, passada de tocha em tocha, de Adão até Enoque, a promessa ardeu nos corações dignos. Sempre que a chama se apagava, os corações dos homens esfriavam.

No entanto, todas as vezes que os céus a reacenderam, inflamou o coração dos profetas e daqueles que neles acreditavam.

Noé. Abraão. Moisés. Davi. Isaías teve a visão da Fonte da luz, vindo em uma época de trevas futura.

"O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra de morte resplandeceu a luz.

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; . . . e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu: . . . (o) Principe da Paz."

ACIMA, DETALHE DE O PROFETA ISAÍAS PREVÊ O NASCIMENTO DE CRISTO, DE HARRY ANDERSON: À ESQUERDA, O NASCIMENTO DE JESUS, DE CARL HEINRICH BLOCH (USADO COM A PERMISSÃO DO MUSEU FREDERIKSBORG)

forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz" (Isaías 9:2, 6).

Do outro lado do mundo, outros também viram e profetizaram. Éter, Léhi, Néfi, Alma, que predisse: "O reino dos céus está próximo e o Filho de Deus vem sobre a face da terra.

E eis que nascerá de Maria, em Jerusalém" (Alma 7:9-10).

Edificados pela profecia, os fiéis aguardaram, com os olhos no futuro, o dia prometido. Rostos voltados para o alto em oração, ano após ano, geração após geração.

Até que — deve ter sido como se o relógio universal que mede o tempo tivesse feito uma pausa — da quietude falou o Senhor a um em quem ardia a chama da promessa. "Levanta a cabeça e tem bom ânimo; pois eis que o tempo é chegado e esta noite o sinal será dado, e amanhã eu virei ao mundo" (3 Néfi 1:13).

HINO: "Noite Feliz" (*Hinos*, nº 126).

E assim foi — no tempo prometido, Deus falou a um profeta puro. Grande parte do mundo, desatento, continuou tolamente a fazer aquilo que achavam importante — com seus olhos em Roma, em um soberano que agora é pó e que se considerava um deus.

"E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse" (Lucas 2:1).

No entanto, se os olhos de grande parte do mundo estavam em Roma, os olhos dos céus estavam em outra cidade. O profeta Miquéias o profetizara. Néfi a vira em uma visão. Inúmeros espíritos, aguardando sua própria mortalidade — entre eles vós e eu — podem ter observado *aquela* humilde cidadezinha em silenciosa expectativa, nossas esperanças e temores nela centralizados.

HINO: "Pequena Vila de Belém" (*Hinos*, nº 129).

"E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi),

A fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida.

E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela

ACIMA, DETALHE DE OS REIS MAGOS DO ORIENTE, DE HARRY ANDERSON: À DIREITA, DETALHE DE ANUNCIAÇÃO AOS PASTORES, DE CARL HEINRICH BLOCH (USADO COM A PERMISSÃO DO MUSEU FREDERIKSBORG)

"Levanta a cabeça e tem bom ânimo; pois eis que . . . amanhã eu virei ao mundo."

havia de dar à luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem." (Lucas 2:3-7.)

HINO: "Jesus num Presépio" (*Hinos*, nº 127).

Os pastores foram os primeiros a receber as boas-novas. Não o poderoso Augusto, em Roma. Não o poderoso rei Herodes, mas foram os simples e humildes pastores que receberam a notícia do nascimento do Bom Pastor.

"Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.

E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:8-14).

HINO: "Anjos Descem a Cantar" (*Hinos*, nº 124).

Poderiam, ainda que fossem vozes de anjos, expressar verdadeiramente a alegria de toda a criação? Será que a linguagem celestial era adequada? Como, então, podem as vozes humanas cantar a alegria? Ou a língua humana expressar a glória?

Talvez estivéssemos naqueles coros de anjos. Talvez tenhamos observado e assistido aos incomparáveis acontecimentos. No entanto, agora o véu está baixado; nenhuma lembrança vívida permanece. Ainda assim, porque a promessa, acesa pelo Espírito, também arde em nós, esforçamo-nos para cantar e expressar gratidão.

Para cumprir a promessa, da primeira vez veio como um frágil bebê. Ele retornará em majestade e glória. É a promessa.

ACIMA, VISTA DO CÉU, DE HARRY ANDERSON © REVIEW AND HERALD PUBLISHING ASSOCIATION; À ESQUERDA, DETALHE DE A SEGUNDA VINDA, DE HARRY ANDERSON

Chorando, talvez, por não podermos cantar ou exprimir os sentimentos que transbordam de nossos corações.

HINO: "Mundo Feliz, Nasceu Jesus" (*Hinos*, nº 121).

A promessa significa tanto para nós! E ainda mais, pois ainda há promessas a serem cumpridas.

Como já aconteceu antes, o mundo não perceberá, estando em trevas, com os olhos sobre seus césares e suas Romas. No entanto, como antes, os puros ouvir-lhe-ão a voz e saberão.

E observarão, com os olhos voltados para o céu e os corações cheios de esperança.

O Prometido virá novamente para purificar, abençoar e reclamar aquilo que é seu. E nós, que nos esquecemos do que vimos quando ele veio pela primeira vez, veremos novamente. E novamente cantaremos. E louvaremos outra vez — alguns arrebatados para encontrá-lo no céu, outros, resplandecentes, descendo como a cauda de um cometa das elevadas esferas. Todos em alegria.

Aguardai ansiosamente, então, com esperança, pois ele prometeu salvação e redenção.

HINO: "Tão Humilde ao Nascer" (*Hinos* nº 115); ou "Quando Jesus Voltar":

Não sei se anjos cantarão, ao regressar Jesus.
Se branca neve cairá, ou brilhará a luz.
Não sei se as estrelas brilharão com mais fulgor.
Ou se o sol afastará da noite o negror
Mas sei que os pequeninos o Bom Mestre abraçará,
Pois ele mesmo disse assim:
"Deixai-os vir a mim."
Não sei se pronto estarei ao regressar Jesus.
Se sua face eu verei, ou mesmo sua luz.
Mas todo dia tentarei a sua lei cumprir,
Pois vendo outros minha luz a Cristo hão de seguir.
E quando ele regressar, eu sei que me dirá:
"Fizeste bem, menino bom,
Em meus braços ficarás." □

O VERDADEIRO ESPÍRITO DO NATAL

Elder Rex D. Pinegar
do Quorum dos Setenta

O Natal estava se aproximando. Eu e meu irmão gêmeo tínhamos chegado àquela idade em que se descobre a "verdade" do Natal — realmente, Papai Noel (Pai Natal) não existia. Qualquer que fosse o presente, ele seria comprado com os pequenos rendimentos de meus próprios pais. A situação humilde de nossa família nunca nos permitira grandes gastos no Natal. Max e eu decidimos, entre nós, amenizar a preocupação de nossa mãe acerca dos presentes de Natal, revelando-lhe que já sabíamos que Papai Noel (Pai Natal) não existia. Ela se limitou a dizer: "É verdade?"

Chegou a véspera do Natal. Enfeitamos a árvore, fizemos bolas de doces e pipocas e colocamos embaixo dela nossos presentes feitos em casa. Meu pai mandou-nos para a cama, dizendo que deveríamos ficar lá até que ele nos chamasse de manhã. Seguindo Lynn, nosso irmão mais velho, Max e eu fomos para o quarto, dando risadinhas nervosas. Com algum esforço de nossa parte — e também com a insistência de meu pai — finalmente sossegamos. O sono acabou chegando.

Parecia que eu não tinha dormido muito quando Max me acordou com a notícia de que eram sete e quinze da manhã — hora de correr para a sala. A agitação e o barulho acordaram nosso pai. Quando atingimos a porta da cozinha, ouvimos sua voz um tanto irritada, dizendo que eram apenas quinze para as três da manhã (havíamos olhado as horas de trás para frente) e que tínhamos de voltar diretamente para a cama e esperar, como ele nos dissera antes!

Dirigimo-nos para o quarto. Foi então que a vimos! Mesmo na penumbra, era linda! Sentamo-nos no escuro e descrevemos um ao outro a mais inesperada das surpresas: uma bicicleta da nossa marca preferida. Não tinha importância se era uma só bicicleta, se o chão lá fora estava coberto de neve, se não havia nenhum lugar para pedalar e se não conseguíamos ler a quem a bicicleta se destinava.

Parece que ficamos sentados ali durante horas, contando os tique-taques do relógio e aguardando com ansiedade o chamado de nosso pai. Finalmente ouvimos

MER

seus passos pesados saindo do quarto. Ele mal precisou nos chamar.

Lá estava ela — "PARA OS GÊMEOS, DO PAPAI NOEL (PAI NATAL)" — a bicicleta mais bonita que já tínhamos visto. Era creme, decorada com uma lista vermelho-brilhante e lustrosos pára-lamas cromados, equipada com farol, compartimento para ferramentas, bagageiro, refletor e assento de mola. Mal podíamos acreditar que era nossa! Pouco depois, meus irmãos e eu já estávamos abrindo um caminho na neve (nunca foi tão fácil limpar a entrada da garagem) e pedalando a nova e macia bicicleta. Estávamos com as mãos e os pés gelados, mas não ligamos. Que momentos maravilhosos nós tivemos!

Muito eufórico, concentrado quase totalmente em nosso maravilhoso presente de Natal, não percebi que havia poucos presentes embaixo da árvore para os demais membros da família. As meias de Natal continham uma laranja, umas nozes e alguns confeitos. Caramelos embrulhados a mão e doce de chocolate feito em casa completavam os brindes do Papai Noel (Pai Natal).

Naquela noite, quando fomos para a cama, Max e eu conversamos sobre o acontecimento do dia — a bicicleta. Planejamos como poderíamos usá-la. Arranjaríamos um emprego de entregador de jornais. Teríamos transporte tanto para o trabalho no verão como para a escola no inverno. Ela teria tantos usos diferentes! De repente, ficamos de novo assombrados. De onde tinha vindo a bicicleta? Sabíamos que nossos pais não possuíam meios para comprá-la. Estávamos cientes da escassez existente naquela época de guerra. Quem teria tornado possível aquele presente tão apreciado?

Foi somente vários anos mais tarde que descobrimos a bela e comovente verdade. O sacrifício e o interesse de uma mãe, de um irmão e de uma irmã amorosos possibilitaram aquele Natal inesquecível. Meu irmão tinha feito horas extras numa leiteria, depois da escola. Minha irmã trabalhara fazendo limpeza na casa de um vizinho. Minha mãe economizara dinheiro trabalhando de madrugada na fábrica de conservas, durante os meses de colheita. Eles trabalharam horas extras e sacrificaram seu tempo, seu dinheiro e seus próprios presentes, a fim de proporcionarem um Natal especial aos jovens gêmeos. A felicidade daquele Natal só foi superada pela descoberta desse segredo, do sacrifício e do amor que eles demonstraram por nós. Aí estava o verdadeiro espírito do Natal — um irmão e uma irmã dando apoio abnegado aos pais, desejando oferecer anonimamente o que eles próprios nunca haviam tido, não buscando créditos ou elogios por sua ação nem esperando algo em troca. Sempre me lembrarei com carinho desse exemplo de amor entre pais, filhos e irmãos e sempre o considerarei como um presente de inestimável valor.

A bicicleta acabou há muito tempo, ficou velha nas mãos de dois meninos cheios de energia. O brilho desapareceu com o uso e as brincadeiras constantes, contudo os anos apenas aumentaram o brilho do amor cristão entre os membros da família. Esse gesto de amor e outros semelhantes criaram vínculos que levaram os membros de nossa família a prestar assistência e apoio uns aos outros, muitas vezes e em quaisquer circunstâncias.

Quão preciosas são as verdades do Evangelho de Jesus Cristo ensinadas em nosso lar. Elas nos fortalecem, trazem-nos alegria e felicidade duradouras e, se vividas, fazem com que estejamos unidos num relacionamento familiar eterno. □

Quando Joseph Smith Foi à Nossa Casa

Lorraine Richardson

"Por que não representamos a história de Joseph Smith?" perguntou meu marido quando planejávamos uma lição da noite familiar para comemorar o aniversário do Profeta, no dia 23 de dezembro. Não podíamos esquecer-nos da reverência demonstrada pelas crianças na semana anterior, quando os três "pastores" (com toalhas na cabeça e bastões de madeira na mão) se ajoelharam diante do Menino Jesus (uma de suas bonecas prediletas) — e nosso filhinho de dois anos o havia acariciado gentilmente. Assim, decidimos tentar uma outra representação.

Examinamos, durante a semana, com nossos filhos, a história da Primeira Visão de Joseph Smith e designamos a cada criança uma parte na peça.

Então, durante a noite familiar, fomos apresentados primeiramente a Joseph Smith (nosso Matthew de dois anos de idade) e à família Smith (o resto de nós). Depois, dirigimo-nos a diferentes cômodos da casa, enquanto Joseph e sua família ouviam diferentes "pregadores". Meu marido e eu nos alternávamos no papel de pregador — ele em um cômodo, e eu no seguinte. Quem não estivesse pregando, andava com as crianças que ouviam com os olhos arregalados e um tanto timidamente os "sermões" de seus pais-pregadores.

Em seguida, voltamos todos para a sala de estar e o pai perguntou: "Agora, como vocês acham que Joseph Smith se sentia? Acham que ele poderia estar imaginando por que todos os pregadores diziam coisas tão diferentes, e qual deles estava certo?" As crianças concordaram que Joseph deve certamente ter ficado confuso. O pai, então, acendeu uma vela, e sentimo-nos como se estivéssemos ao lado de Joseph, quando leu Tiago 1:5, à luz do castiçal.

Depois de haver "Joseph" meditado sobre a escritura, nós o seguimos para o bosque (o quarto da família) onde nos ajoelhamos para orar. Repentinamente o Pai Celestial (Daniel, de quatro anos) e Jesus (meu marido) apareceram em pé, acima dele "no ar" (em cima de uma cadeira). Daniel recitou solenemente as linhas que havia ensaiado com o pai: "Este é Meu Filho Amado. Ouve-o!" (Joseph Smith 2:17.)

Meu marido contou, então, como Jesus ensinara a Joseph que ele não deveria filiar-se a nenhuma das igrejas existentes. Explicamos que o Senhor escolheu Joseph Smith para restaurar o evangelho à terra — e que Joseph cumprira fielmente esta missão.

Vários dias depois da lição, compreendi a impressão que esta experiência havia causado a nossos filhos. O amigo de um de nossos filhos foi brincar com ele, e nosso filho lhe disse: "Conheço um profeta que viveu há muito tempo — Joseph Smith. Você o conhece?"

A Primeira Visão nunca esteve mais viva para nenhum de nós, e sua veracidade jamais foi sentida mais vigorosamente do que durante aquela noite familiar. Planejamos agora representar outras histórias das escrituras. □

ILUSTRADO POR SCOTT GREER

Vítimas de Vandal

Jeannie Lancaster

Numa tarde de dezembro, meu marido batizou nosso filho mais novo. Meu coração exultou ao ver o doce rosto de meu filho refletindo-lhe os sentimentos relativos ao importante dia. Naquela noite assistimos ao programa de Natal da ala e depois fomos para casa, com o coração repleto do maravilhoso espírito de Natal. Fora um dia notável.

Nossa alegria, contudo, foi substituída por confusão e revolta, quando chegamos em casa e notamos que o vidro do lampião do jardim fora quebrado. A lâmpada estava estilhaçada e o poste, que antes tivera um belo e brilhante laço natalino, estava quebrado, no chão. Pela parede da casa escorriam ovos crus. Gemas de um amarelo vivo estavam grudadas às janelas, beirais e paredes e manchavam o batente de nossa porta de entrada. Parte da sujeira já se havia solidificado, devido à temperatura gélida. Esta não era a primeira vez que havíamos sido vítimas de pequenos vandalismos, mas, definitivamente, tinha sido a pior.

Meu marido e eu nos apressamos a levar as crianças para dentro de casa, enquanto elas perguntavam: "Mãe, por que alguém faria isso conosco? Eles não gostam de nós?" Acalmamos as crianças, pusemo-las na cama e saímos na noite fria, para iniciar a tarefa de raspar e esfregar a sujeira. Sabíamos que, se deixássemos até a manhã seguinte, a pintura ficaria danificada. Voltamos para dentro, uma hora e meia depois, com as mãos enregeladas e o espírito enraivecido.

Lembrei-me, repentinamente, de que no dia seguinte, domingo, eu deveria falar às crianças da Primária sobre o Salvador e seu amor a nós. Iríamos debater como demonstrar amor a ele e ao próximo. Fiquei imaginando

ILUSTRADO POR PAUL MANN

ismo! O que Fazer?

como poderia expressar honestamente sentimentos de amor, quando a raiva e o ressentimento estavam atravessando o meu coração. Fomos dormir, naquela noite, cansados e desapontados de que um dia tão maravilhoso tivesse terminado de modo tão triste.

Na manhã seguinte, alguém nos contou quem eram os culpados. Amigos nos incentivaram a chamar a polícia e acusar os dois rapazes envolvidos, mas meu marido e eu procuramos uma forma melhor de enfrentar a situação. Ajoelhamo-nos juntos e pedimos ao Pai Celestial que nos ajudasse a fazer o que fosse melhor — não apenas para nós, mas também para os rapazes. Repentinamente, recebemos a resposta, e uma doce paz substituiu os sentimentos de raiva. Naquele dia, eu pude ir à Primária e partilhar com as crianças o meu amor ao Salvador e a sua influência orientadora em nossa vida.

À noite, meu marido e eu fizemos dois pratos cheios de biscoitos e saímos para falar com os rapazes e seus pais. A primeira família era nova na vizinhança. Demos os biscoitos ao rapaz e lhe dissemos que achávamos que isto era uma coisa melhor para se fazer com ovos. "Da próxima vez que sentir necessidade de usar alguns ovos," dissemos, "leve-os à nossa casa, e faremos biscoitos juntos."

Infelizmente, o pai do rapaz não foi receptivo à nossa tentativa de reconciliação e disse-nos que pegássemos os biscoitos e fôssemos embora. Deixamos os biscoitos, assim mesmo. Ao voltarmos para o carro, comecei a perder toda a disposição de ir à outra casa. Francamente, estava um pouco amedrontada e muito desapontada. Tivera certeza de que estávamos fazendo a coisa certa, mas, agora, não tinha a mesma certeza.

O incentivo de meu marido nos levou a continuar. Afortunadamente, nossa experiência na casa seguinte foi melhor. Desta vez, os pais apreciaram nossa compreensão diante do problema, mas o rapaz negou completamente que tivesse tomado parte no incidente com os ovos.

Fomos para casa contentes com o que havíamos feito, mas inseguros quanto ao resultado.

Uma hora mais tarde, o segundo rapaz, acompanhado de seu pai, bateu à nossa porta e discretamente confessou que ele e outro rapaz haviam sido os autores do vandalismo. Para compensar a sujeira feita, disse que viria à nossa casa no dia seguinte, depois da escola, e limparia a sujeira de ovos que ainda pudesse encontrar.

Nenhum pedido de desculpas ou tentativa de restituição foi feita pelo outro rapaz, mas, um mês depois, como presidente da Sociedade de Socorro, recebi o nome de uma família, cujos registros acabavam de ser enviados para nossa ala — era a família desse jovem. Eu sempre fizera questão de visitar cada nova irmã em nossa ala, logo que soubesse de sua chegada. Dessa vez, porém, eu não tinha pressa nenhuma de ir. "Como ela se sentirá com minha visita?" Depois de adiar durante alguns dias, resolvi finalmente visitá-la. Com os joelhos tremendo e uma prece no coração, bati à sua porta.

Ela me convidou a entrar e, durante a visita, falamos sobre o que sentíramos naquela noite. "Sabe", disse ela, "naquela noite, quase lhe perguntei a que igreja pertenciam, porque sei que agiram como o Senhor desejaria."

Oh! a alegria que senti naquele momento! O que teria acontecido se tivéssemos chamado a polícia e resolvido a situação agressivamente? Quais teriam, então, sido os sentimentos dessa irmã? Como eu estava grata por ter ouvido e seguido a orientação do Espírito, especialmente durante a época do nascimento do Salvador. □

Jeannie Lancaster mora na Ala de Big Thompson, Estaca Greeley Colorado.

FORTALECIDAS PELA UNIÃO

ILUSTRADO POR RON PETERSON

Certa vez uma mulher visitou o Parque Nacional das Sequóias, no oeste dos Estados Unidos, e surpreendeu-se ao descobrir que as árvores de uma espécie de sequóia gigante não tinham nenhuma raiz principal que as segurasse em profundidade na terra. Como é possível que essas árvores de copas tão altas e densas não caiam com ventos fortes? — perguntou ela. O guia respondeu que elas cresciam bem juntas e que as raízes, embora ficassem próximas à superfície, entrelaçavam-se umas às outras. Uma árvore sozinha poderia cair, mas, interligadas no bosque, as árvores conseguem sustentar-se com firmeza.

A Sociedade de Socorro abençoa nossa vida de maneira semelhante. Por se encontrarem juntas freqüentemente, as irmãs resistem aos ventos da vida, pois unem suas forças e apóiam-se mutuamente.

O livro de Rute conta a história de Naomi e sua dedicada nora Rute, que a apoiou numa época de adversidade. (Vide Rute 4:13-15.) As mulheres de hoje também podem fazer o mesmo: rir, estudar, cantar, trabalhar e orar juntas. Estamos ligadas às mulheres de nossa própria família, às irmãs nas alas e ramos e a uma irmandade mundial.

Como as amizades na Sociedade de Socorro abençoaram nossa vida?

AS DIFERENÇAS ENTRE AS IRMÃS

Jesus disse: "Se vós não sois um, não sois meus" (D&C 38:27). Diferenças de idade, raça, língua ou cultura realmente não constituem barreiras para uma irmandade, quando a determinação de servir, o desejo de aprender e a linguagem do amor enchem os corações.

Em Abidjan, na Costa do Marfim, os membros cumprimentam-se com calorosos abraços e apertos de mão. Eles representam três raças e são oriundos de seis países diferentes, com suas tantas línguas nativas.

Uma mulher de Gana rege a música na Sociedade de Socorro, usando o hinário em francês. Uma irmã da Alemanha encarrega-se de dar a aula. Uma outra, japonesa-havaiana, serve como secretária. Na aula de economia doméstica, uma irmã do Zaire e outra da Costa do Marfim instruem jovens mães em nutrição e cuidados com crianças. Em seguida elas fazem demonstrações de receitas de seus países e aldeias, acocorando-se perto de um braseiro ou de pé junto ao fogão. Todas ensinam-se reciprocamente.

O espírito dos dez ou doze membros originais da Sociedade de Socorro desse ramo difundiu-se entre outras irmãs; hoje, mais de cem tratam-se por irmãs e compartilham os tesouros do evangelho naquela cidade africana.

A diversidade está presente em grupos da Sociedade de Socorro do mundo inteiro.

Em que ocasião você sentiu um laço de irmandade com alguém muito diferente de você?

APOIO MÚTUO

Por mais que sejamos individualmente diferentes, também temos objetivos e necessidades em comum. Em última instância, é da vida do Salvador e de sua "água viva" que extraímos as forças que compartilhamos. (Vide João 4:5-14.)

Quando estudamos juntas, trocamos idéias e experiências sobre como viver segundo os princípios do evangelho. Essa disposição para compartilhar permite que "todos se achem edificados, e que todos tenham privilégios iguais" (D&C 88:122).

Somos capazes de atuar em conjunto, com compaixão. Como disse Mary Young, de Sumner, Washington: "Não precisamos julgar uns aos outros. Não preciso comparar minha família, minha casa ou minhas realizações diárias com as de outra pessoa. Gostaria que todos nós apenas ficássemos felizes uns pelos outros, fôssemos capazes de amar e, portanto, de servir."

Como as diferenças entre as mulheres ao nosso redor podem ajudar-nos a crescer? □

O VALOR DO VÉU

Bruce C. Hafen

Existem certas coisas — sobre nós mesmos, sobre a divindade — que só podemos aprender, desenvolvendo sozinhos certas aptidões.

Por que teria Deus decidido colocar um véu entre o mundo da mortalidade e o mundo das eternidades? Isso pode parecer desconcertante. O véu não só nos impede de lembrar de nosso passado pré-mortal, mas também mantém Deus, seus anjos e suas atividades ocultos de nossa vista.

Depois da ressurreição, o Salvador encontrou dois de seus discípulos, no caminho de Emaús. Eles não o reconheceram, quando ele lhes dirigiu a palavra. Ao lhe falarem sobre Jesus de Nazaré, em quem haviam "esperado" (notai o passado do verbo), tornou-se-lhe evidente que eles não haviam captado a mensagem de seu ministério mortal. Disse-lhes então: "Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram."

E então, "começando por Moisés . . ., explicava-

. . . . . .

Um cego, com uma bengala branca, acostuma-se a "ver" com ela. O que a bengala lhe diz, o cego nunca poderá descrever plenamente para ninguém.

FOTOGRAFIA DE DEREK SMITH; JESUS E OS DISCÍPULOS INDO PARA EMAÚS, DE GUSTAVE DORE.

lhes o que dele se achava em todas as escrituras". (Vide Lucas 24:13-31.)

Ele não lhes revelou quem era. Ensinou-lhes as mesmas escrituras que havia usado para ministrar-lhes enquanto estava na carne. Só mais tarde eles o reconheceram.

Por que ele não se identificou antes? Poderia ter revelado sua ressurreição muito mais claramente, com muito mais rapidez.

Em outra passagem de Lucas, lemos a parábola do mendigo Lázaro e o rico, que morreram mais ou menos ao mesmo tempo. O que o homem rico compreendeu do outro lado do véu, fez com que rogasse ao pai Abraão que enviasse Lázaro de volta para pregar arrependimento à sua família, que permanecia na mortalidade. Abraão, porém, respondeu: "Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

E disse ele: Não, pai Abraão; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (Lucas 16:29-31).

Por que não?

Lemos, no primeiro capítulo do livro de João, a respeito do Verbo, que era a vida e a luz do mundo, uma luz que "resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". (João 1:5.) Cristo veio ao mundo, mas este não o conheceu, e seu próprio povo não o recebeu. Por que o Senhor não se revelou mais obviamente? Ele veio tão silenciosamente!

Se é tão importante que o conheçamos hoje, por que o Senhor não envia uma grande carruagem atravessando o céu todos os dias, ao meio-dia, puxada por cavalos brancos voadores? A carruagem poderia parar logo acima da terra, e então uma voz do além dizer: "E agora, uma palavra do nosso Criador."

Por que ele não quis fazer as coisas desse modo?

Considerem também a parábola do filho pródigo. Um jovem procurou o pai e pediu sua herança. Então, depois de recebê-la, foi embora e aprendeu algumas lições importantes, por meio de tristes experiências. (Vide Lucas 15:11-32.) O pai deveria saber que tipo de problemas o rapaz enfrentaria. Não haveria algum meio de o pai ter-lhe ensinado o que ele iria encontrar, sem correr o risco de perdê-lo?

Certamente, isto deve ter ocorrido ao nosso Pai na existência pré-mortal, quando considerou o plano do livre-arbítrio na mortalidade. Amando seus filhos como ele ama, por que iria correr o risco de que muitos não voltassem? Não tinha ele o poder de nos tocar de alguma forma milagrosa, que evitasse esse risco e nos dotasse a todos da capacidade de viver com ele no reino celestial?

Um versículo do livro de Hebreus esclarece que o próprio Salvador teve que aprender muitas lições, na vida, da maneira mais difícil — por meio da experiência. Ele, "oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte . . .

Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem" (Hebreus 5:7-9).

Seguem-se então aquelas linhas significativas, nas quais Paulo fala sobre a necessidade de nos dar apenas o conhecimento que podemos assimilar: "Vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento.

Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino.

Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, *em razão do costume*, têm os sentidos *exercitados* para

A salvação é um processo, assim como uma meta. O processo envolve crescimento, desenvolvimento e mudança. Assim, temos que, na mortalidade, adquirir capacidade e aptidões, não meramente coletar informações.

DETALHE DE A AGONIA NO JARDIM, DE GUSTAVE DORE.

discernir tanto o bem como o mal" (Hebreus 5:12-14; grifo nosso).

Por que não forçar as pessoas a serem dignas? Por que a experiência é tão essencial, que vale o risco de impossibilitar nossa volta? Por que é que nós, que estamos acostumados ao leite, precisamos "em razão do costume" exercitar nossos sentidos, para nos tornarmos preparados para o alimento sólido?

A salvação é um processo, assim como uma meta. O processo envolve crescimento, desenvolvimento e transformação de nossa parte — além da graça salvadora do Senhor, Jesus Cristo. Assim, temos que, na mortalidade, adquirir capacidade e aptidões, não meramente coletar informações. Quando as pessoas são forçadas a serem dignas, algo interfere no processo que permite a retidão em um ambiente livre, e até bloqueia tal processo. O viver digno transforma as pessoas.

APRENDER APTIDÕES DIVINAS

Há dois tipos diferentes de conhecimento. Um deles envolve processos racionais, como o de coletar informações e decorar. O outro tipo de conhecimento, eu chamaria de desenvolvimento de aptidões — aprender a tocar piano ou a nadar, ou a desmontar o motor de um carro, aprender a cantar, dançar ou pensar. O processo de desenvolvimento de uma personalidade cristã é mais uma questão de adquirir aptidões e atributos divinos, do que uma questão de aprender coisas e números. E nos é impossível aprender essas habilidades divinas, a menos que participemos do processo. Não deveríamos esperar que fosse de outra forma. Que professor de piano poderia ensinar as pessoas a tocar, se elas não quisessem estudar? Que treinador poderia aperfeiçoar a técnica de um atleta, sem supervisionar suas tentativas e erros, durante inumeráveis treinamentos?

Imaginem uma escola de música com um método revolucionário em que os alunos de piano não tivessem que tocar. A escola ensinaria de maneira exclusivamente teórica todos os princípios básicos; descreveria detalhadamente como mover os dedos; examinaria profundamente a teoria e a história da música; ensinaria completamente como ler música. Os alunos decorariam todos os melhores livros que já foram escritos sobre como tocar piano. O curso poderia ter a duração de quatro anos. Os alunos teriam um projeto cada um, como o de decorar a partitura de um importante concerto de piano. Eles poderiam fechar os olhos e ver o manuscrito, tanto do piano como da orquestra, brotar em sua mente. Poderiam dizer tudo a respeito dele.

Então, quando o primeiro formando do "Curso Aprenda Piano Sem Tocar" pisasse no palco de um teatro, para estrear com orquestra, o que achais que aconteceria?

Não muito. Por quê?

Embora "pensar" seja um elemento essencial em qualquer forma de aprendizado, algumas coisas só podem ser aprendidas por meio da prática.

SUBMETER-SE AO MESTRE

Em um importante livro sobre filosofia do conhecimento, um erudito chamado Michael Polanyi identifica a aquisição de aptidões como um campo incomparável do conhecimento. Polanyi crê que só podemos aprender uma técnica, imitando a execução habilidosa de alguém que a tenha dominado — embora o professor que imitamos não possa especificar e avaliar cada detalhe de sua arte. Existe uma analogia próxima entre esta idéia e o conceito central do evangelho, de que conhecer pessoalmente o Salvador e imitar seu exemplo é o melhor meio de viver o evangelho, um meio que transcende

JESUS ORANDO NO JARDIM, DE GUSTAVE DORE.

Mesmo o Senhor não pode ensinar-nos a ser cristãos, a menos que participemos do processo, assim como não podemos aprender a tocar piano simplesmente ouvindo e observando.

meramente o seguir mandamentos específicos e doutrinas detalhadas.

Embora Polanyi não esteja escrevendo sobre religião, seu conceito certamente se aplica ao conhecimento religioso: "Aprender pelo exemplo é submeter-se à autoridade. Segue-se o mestre porque se confia em sua maneira de fazer as coisas, mesmo quando não se pode analisar e descrever detalhadamente sua eficiência. Observando o mestre e imitando seus esforços na presença de seu exemplo, o aprendiz adquire inconscientemente as regras da arte, inclusive aquelas que não são explicitamente conhecidas pelo próprio mestre. Essas regras ocultas só podem ser assimiladas por alguém que se entregue à imitação sem crítica de uma outra pessoa. Uma sociedade que pretenda preservar um patrimônio de conhecimento pessoal precisa submeter-se à tradição" (Personal Knowledge (Conhecimento Pessoal), Nova York: Harper and Row, 1964 p. 53).

A FALÁCIA DO CÉTICO

Muitos de nós já conhecemos pessoas que não testarão a veracidade do evangelho por não desejarem submeter-se aos seus mandamentos. Rogamos ao cético que prove o evangelho e veja. O cético, porém, quer que o provemos primeiro, antes de submeter-se a algo que lhe pareça a perda de sua liberdade. Sua própria dúvida, porém, tornará impossível ao evangelho dar-lhe frutos, pois, a menos que ele viva os princípios do evangelho — perder-se nele — nunca poderá encontrar a prova que exige.

Até que a pessoa que tenta aprender uma habilidade tenha o desejo de se comprometer total e irrevogavelmente, há muitas coisas que não consegue aprender. Polanyi descreve como um cego, com uma bengala branca, se acostuma a "ver" com ela. O que a bengala lhe diz, o cego nunca poderá descrever plenamente para ninguém mais. Aqueles que não são cegos — mas que meramente fecham os olhos de vez em quando para ver como é — não ficam suficientemente motivados para aprender o que a bengala pode dizer-lhes sobre o mundo. Por que não? Porque não têm que saber. A menos que seja cego, você não terá que saber.

Para prosseguir com a analogia, o cego pode dizer que prefere não correr o risco de ser atingido por um carro e, portanto, prefere simplesmente ficar em casa. Tudo que seu professor pode dizer é: "Se você deseja a liberdade que sua bengala lhe pode dar, precisa correr o risco. Eu não lhe posso dizer como usar a bengala, a menos que você saia e aprenda com a prática. Ficarei ao seu lado e falarei com você. Dir-lhe-ei tudo que sei, mas se você não estiver decidido, nada há que eu possa fazer por você."

O cego deve, de algum modo, ser persuadido de que a agonia do treino com a bengala, passo a passo, com todos os erros que inevitavelmente o acompanham, vale os esforços e os riscos envolvidos. A prática necessária não é simplesmente uma questão de repetição; é, sim, um processo de mudança e crescimento, alcançado pelo esforço mental repetido, tendo em mira o aprendizado de uma habilidade específica, em busca de algum propósito.

Como é que uma pessoa convence as outras a respeito de coisas como essas? Nossos amigos céticos poderão dizer: "O que há de tão maravilhoso sobre o reino celestial? Expliquem-me para que eu possa entendê-lo, e então talvez eu possa aceitar todos os mandamentos, arriscar-me, submeter-me ao Mestre, e passar por toda a prática e rotina. Antes, porém, quero que me provem que, no fim, tudo terá valido a pena."

E qual poderá ser nossa resposta? Não existe meio pelo qual mentes humanas, ressuscitadas ou não, possam comunicar a outras mentes humanas como é. Não

DETALHE DE AS TREVAS NA CRUCIFICAÇÃO, DE GUSTAVE DORE.

Não podemos, unicamente por nosso próprio esforço, desenvolver os atributos de uma perfeição cristã — mesmo que participemos plenamente das oportunidades de aprendizado proporcionadas pela experiência mortal. Precisamos fazer tudo que esteja ao nosso alcance, mas a obtenção da capacidade celestial será alcançada finalmente como dom divino.

sabemos por que é assim. Está na natureza da realidade e na natureza do universo. Tudo que podemos fazer é confiar e prová-lo. Alguma coisa acontecerá àqueles que provarem, e então eles saberão. Quando, porém, tentarem explicá-lo a outra pessoa, o ouvinte provavelmente não entenderá por completo o que estão falando.

Nossa existência mortal nos dá a oportunidade de desenvolver as aptidões, capacidades e os atributos divinos que precisamos ter para viver no reino celestial. Quando meu filho de nove anos diz que deseja guiar o carro, preciso explicar-lhe que se ele for para a auto-estrada, ele se tornará perigoso. Poderá matar-se e matar uma porção de pessoas. Ele ainda não tem a capacidade de usar a liberdade oferecida por uma auto-estrada.

Até que desenvolva essa capacidade — a aptidão, o bom-senso, a maturidade — guiar na auto-estrada o matará. O mesmo seria verdadeiro se fôssemos levados prematuramente à liberdade — e à responsabilidade — de viver em um reino governado por leis celestiais.

A responsabilidade pode libertar-nos ou esmagar-nos, dependendo de quão preparados estamos para recebê-la.

Doutrina e Convênios ensina que "qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição" (D&C 130:18). "Princípio de inteligência" pode referir-se a acontecimentos, informações ou conhecimento dos mandamentos e doutrinas. Pode, também, referir-se a capacidade e habilidades cristãs — autocontrole, obediência, compaixão, paciência, desprendimento, e outras virtudes.

Por que poderíamos ser "condenados" ou detidos em nosso progresso, se o véu fosse tirado cedo demais? Estaríamos impedindo nosso progresso em direção ao desenvolvimento das qualidades celestiais. Mesmo se uma carruagem voasse pelos céus todos os dias, não nos seria de muita utilidade conhecer Deus e Jesus Cristo, a quem ele enviou. (Vide João 17:3.) A "vida eterna" não se refere à extensão da vida, mas à qualidade de vida. Envolve o desenvolvimento de longo alcance, difícil e gradual, da capacidade de viver como Cristo vive. Quando começarmos a viver como ele vive, começaremos a conhecê-lo.

Lembrem-se da apresentação do plano de Satanás na existência pré-mortal: "Redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida, o farei; portanto, dá-me a tua honra" (Moisés 4:1). Geralmente dizemos que o problema do plano de Satanás foi ele "ter procurado destruir o livre-arbítrio do homem, que eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado" (Moisés 4:3).

A NECESSIDADE DO LIVRE-ARBÍTRIO

Por que o livre-arbítrio tem tanta importância?

Sem o livre-arbítrio, não podemos desenvolver as aptidões e atributos essenciais ao crescimento que precisamos ter para voltarmos à presença de Deus. É simplesmente impossível. Um cavalo pode ser levado até a água, mas não pode ser forçado a beber. Pode-se dar um livro a uma criança, mas ela nunca aprenderá a ler a menos que, voluntariamente, se esforce para isso. O plano de Satanás não poderia ter dado certo. A alegação de que nenhuma alma se perderia, a despeito de nossas escolhas, era como a maior parte de suas alegações: uma mentira.

Essas idéias sugerem por que a ação voluntária e a liberdade de questionar são essenciais para o desenvolvimento do caráter religioso, da mesma forma que são essenciais para o desenvolvimento intelectual.

A idéia de que a salvação envolve um processo de desenvolvimento de aptidões também pode ajudar-nos a compreender por que existe um véu. Não precisamos ficar impacientes por as coisas precisarem ser do jeito que são; devemos, sim, ficar agradecidos. Essas circunstâncias nos demonstram como a fé, o arrependimento e o conhecimento de Deus são processos e princípios de ação. Compreendemos esses processos e princípios não simplesmente por defini-los, mas também por experimentá-los. Deus é um grande professor, e conhece os padrões e os princípios que precisamos seguir, a fim de desenvolvermos capacidade divina. Ele nos pode ensinar essas coisas — tem esse poder — mas só se nos entregarmos ao processo.

Se insistirmos em receber uma medalha ou uma recompensa como prova de que estamos aprendendo as coisas certas, ou se achamos que estamos aptos a explicar a todos como o evangelho funciona e por que funciona — embora o próprio Deus não possa explicá-lo a nossas mentes finitas até que tenhamos desenvolvido a capacidade de compreendê-lo — não teremos aprendido o que significa o Evangelho de Jesus Cristo. Ainda nos estaremos debatendo de um lado para outro como adolescentes espirituais, tentando dominar os detalhes de uma lei menor.

A essência de nossa religião não pode ser completamente avaliada. Não pode ser plenamente compreendida, a não ser por experiência. Isto, porém, não é razão para dar-lhe menos valor. As coisas mais significativas que conhecemos não podem ser totalmente medidas ou especificadas — o amor à família, o testemunho, a gratidão a Deus. De alguma forma, reduzir estas coisas a um teor que possamos transmitir inteiramente a outras pessoas, pode ser como degradar sua santidade. Como a beleza e a alegria, elas são importantes demais para serem especificáveis.

É claro que o valor do aprendizado, por meio da experiência, não significa que precisamos cometer nós mesmos todo erro humano, a fim de aprender as lições da vida. Podemos aprender vívida e permanentemente com as experiências dos outros, ao observarmos as conseqüências boas e más das escolhas alheias. Em toda parte no mundo, hoje, há evidências de que "a iniqüidade nunca foi felicidade" (Alma 41:10).

Além disso, não podemos, unicamente por nosso próprio esforço, desenvolver os atributos de uma perfeição cristã — mesmo que participemos plenamente das oportunidades de aprendizado fornecidas pela experiência mortal. Precisamos fazer tudo que esteja ao nosso alcance, mas a obtenção da capacidade celestial será alcançada, finalmente, como dom divino. "Pois sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer" (2 Néfi 25:23). "Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele . . . e por sua graça podereis aperfeiçoar-vos em Cristo" (Morôni 10:32).

A expiação do Salvador pode compensar não somente nossos pecados, mas também nossas fraquezas.

Esta compensação é significativa porque nos lembra da missão de Cristo, e também porque nos assegura que temos uma outra fonte, além de nossos próprios esforços que nos auxilia na busca de compreensão, de significado, e no esforço de nos tornarmos como Deus.

Existe um véu entre nosso mundo na mortalidade e o mundo de eternidades de Deus. Às vezes, ele pode tornar-se muito tênue, mas, para a maioria de nós, o véu permanece. Ele colocou-o para ajudar-nos a aprender como devemos viver, o que nos precisamos tornar, a fim de vivermos com ele um dia. □

Bruce C. Hafen serve como Reitor-Adjunto da Universidade Brigham Young.

PRESÉPIOS

Presépios em todo o mundo anunciam o nascimento de Cristo e celebram a cultura e as tradições de seus criadores.

À esquerda: *Os índios Pueblo, de Santa Clara, no Novo México, Estados Unidos, moldam a cerâmica de argila e depois a queimam para obter sua notável cor negra. Uma ursa, seu filhote e um búfalo observam três "Indios Magos" levarem presentes de milho para o Cristo menino. Um chefe índio, sentado com as pernas cruzadas e com uma pena na mão, simboliza a santidade do momento.*

Abaixo: *Quando as velas deste Presépio alemão em forma de pirâmide são acesas, seu calor gira o moinho de vento e faz com que as plataformas se movam. Cada uma das peças é cortada em madeira e pintada à mão.*

FOTOGRAFIA DE STEVE RUNDERSON

Acima: *Este presépio italiano é disposto como a cena de abertura de uma ópera. O palco — construído como uma antiga ruína romana — e as pequenas figuras, são feitas de borracha e pintados de modo a parecerem reais. O estandarte do anjo declara exuberantemente: "Glória!" As estatuetas parecem prontas a irromper em canto para declarar sua alegria pelo milagre que se desenrola à sua frente.*

À esquerda: *Neste presépio alemão, Maria e José estão vestidos com as roupas tradicionais de Bamberg, uma cidade alemã perto da Bavária.*

À direita: *De Quênia, na África, este presépio foi queimado e então pintado à mão com corante naturais. As roupas, típicas do Quênia, são tecidas à mão com fios coloridos. Um dos Magos está acompanhado de um elefante. Uma zebra se ajoelha junto à manjedoura.*

Acima: *Estatuetas de barro da Guatemala são pintadas com uma tintura branca, criando uma sensação de divindade.*
Abaixo: *Os caracteres deste presépio da Bolívia são confeccionados de pano, com enchimento de algodão; vestem roupas tradicionais da Bolívia. Lhamas juntam-se às ovelhas na manjedoura.*
À direita: *Juan Hernández, um artista folclórico de Oaxaca, México, esculpiu em madeira e pintou este presépio. Maria e José usam roupas tradicionais. A estrela segura pelo anjo é característica de Oaxaca — nenhum outro artista folclórico retrata a estrela dessa maneira.* □

(Os presépios apresentados neste número são cortesia de Jeffrey O. Johnson, Juanita Sadler, Steve e Harilla Wright, Nauvoo Restoration, Inc., e do Museu de História e Arte da Igreja.)

Um Natal Perfeito como um Retrato

M C O'Bryant

Eles tinham dezoito filhos, quatorze dos quais eram adotados ou estavam sob custódia temporária. Os Westmorelands, porém, nunca tinham visto uma criança como Angela.

Angela estava com quatro anos de idade. Tinha cabelos macios e castanhos e olhos castanhos num rostinho alerta e triste. Desde aquele dia, no outono, em que a assistente social a levara para ficar com a família Westmoreland, Angela nunca participara da união familiar. Parecia não querer nada com nenhum deles, especialmente com o irmão Westmoreland. Ela permanecia fechada em si mesma, recusando-se a tirar as poucas roupas,que possuía, da caixa de papelão que lhe servia de maleta, ou a brincar com as outras quatro crianças da família, que ainda permaneciam em casa.

Irmão Westmoreland tentou todos os métodos que conhecia para ajudar criancinhas a se sentirem felizes e seguras. Comprou-lhe uma boneca, mas ela a deixou na caixa. Construiu-lhe um balanço no quintal, mas ela se recusava até a sentar-se nele.

Quando ele tentou colocá-la na cama à noite, contando uma história engraçada e cantando uma canção de ninar, sua resposta foi: "Não, não quero ouvir nenhuma história — e não me cante nenhuma dessas canções de ninar."

Irmão Westmoreland estava espantado. Sua fórmula de amor-e-confiança havia funcionado muito bem com todas as outras dezessete crianças. Mas, depois de semanas de frustração e rejeição, ele começou a duvidar tanto da sua capacidade como da de sua família de ajudar Angela. Não estando disposto a desistir, ele continuou a orar e realizar noites familiares, às quais Angela assistia — mas sempre com uma atitude de desconfiança.

O caso de Angela, explicou a assistente social, era um exemplo clássico de criança insegura, não desejando apegar-se às pessoas que realmente amava, por medo de perdê-las. Angela estivera por curto espaço de tempo em vários lares temporários, durante sua breve existência. Aparentemente, tinha medo de que, mais cedo ou mais tarde, terminasse sua estada no lar dos Westmoreland e ela ficasse, mais uma vez, sem família.

Aceitando essa explicação, irmão Westmoreland renovou a determinação de demonstrar a Angela que seu amor era genuíno e que seu lugar na família era permanente. Ele orava para saber como tocá-la.

Algumas semanas antes do Natal, enquanto trabalhava no palácio do governo, observou um grupo de rapazes e moças posando para uma fotografia, e como se acotovelavam para ficar perto do governador. Como o flash da câmera, uma idéia espocou-lhe na mente. Quando falou sobre ela à mulher, ela concordou que poderia funcionar.

Os dias seguintes na casa dos Westmorelands foram agitados, enquanto todos se preparavam para tirar um retrato de família. Todos os familiares iriam reunir-se para a foto — exceto os dois filhos que estavam em missão de tempo integral e dois dos filhos casados que moravam longe e não podiam fazer uma viagem cara. Ainda assim, mais de doze Westmorelands compareceriam à sessão fotográfica.

Inicialmente, Angela demonstrou pouco entusiasmo pela idéia de tirar um retrato de família, mas quando se convenceu de que não era outra fotografia de despedida, tornou-se mais receptiva.

Durante a sessão de fotos, todos os novos irmãos e irmãs de Angela, alguns dos quais ela nunca encontrara, trataram-na de maneira especial. E Angela pareceu, com seu modo tímido, gostar de ser o centro das atenções. Começou a realmente

sorrir pela primeira vez, desde a chegada à casa da família.

Depois de tiradas as fotografias, surgiu um pequeno problema. Irmão Westmoreland tentou explicar a Angela que o fotógrafo precisava de alguns dias para revelar e enquadrar a foto. "Não podemos levá-la para casa ainda", disse-lhe ele. Ela, porém, não compreendeu. Repentinamente, seu sorriso desapareceu, e o rosto estampou desapontamento. Ele ficou de coração partido.

Angela voltou à sua existência solitária. Durante os dias seguintes, enquanto o resto da família realizava suas últimas atividades de preparação para o Natal, ela ficava cada vez mais quieta.

Bem tarde, na véspera de Natal, depois de Angela ter ido deitar-se, a campainha tocou. Era o irmão Wilcox, do estúdio fotográfico. Deu ao irmão Westmoreland um grande pacote e desculpou-se por ter aparecido tão tarde. Ao encaminhar-se para a porta, virou-se e, por cima do ombro, disse sorridente: "E um *Natal perfeito* como um retrato para todos!"

Irmão Westmoreland desembrulhou cuidadosamente o retrato e pendurou-o sobre a lareira da sala de estar.

Na manhã seguinte, quando a família começou a abrir os presentes em volta da árvore de Natal, irmão Westmoreland sentiu-se triste ao observar a atitude cautelosa de Angela em relação a colorida casa de bonecas que ele fizera em segredo para ela.

Quando, porém, ela viu o novo retrato da família pendurado sobre a lareira, levantou os braços bem acima da cabeça e exclamou alegremente: "Sou eu! Bem lá no meio de toda a família!" Durante os minutos seguintes, uma jovem existência de emoções reprimidas extravasou-se e brotou sem reservas, na alegria de ver-se no retrato da família Westmoreland.

Aí, tão repentinamente quanto começara, ela parou — e a expressão preocupada voltou-lhe ao rosto.

Empurrou uma cadeira diretamente para baixo da fotografia e subiu nela. Passou as mãos cuidadosamente sobre o vidro do quadro, levantou-o vagarosamente e estudou-o por trás.

Como se estivesse com medo da resposta que obteria, Angela virou-se para o irmão Westmoreland e perguntou: "Como é que você vai me tirar da fotografia, quando chegar o tempo de eu ir embora daqui?"

Abraçando firmemente a filhinha, irmão Westmoreland sussurrou: "Angela, não há nada no mundo que possa tirá-la do retrato nem da nossa família". Quando a menininha o abraçou fortemente ele soube que Angela — finalmente — havia encontrado o lar. □

M C O'Bryant serve como representante de comunicações na Estaca de Concord Califórnia, EUA.

AS TRÊS MOEDINHAS

Richard A. Robb

O filho fez o que viu o pai fazer.

Durante meu primeiro Natal como bispo, uma mulher sozinha, que vivia com seus três filhos, pertencia à nossa ala. Era jovem e tinha um forte testemunho do evangelho, vivendo-o o melhor que podia. Ela fazia faxina e costurava, a fim de ganhar seu sustento, mas, com freqüência, isso não bastava.

Era um verdadeiro desafio cuidar sozinha de seus três meninos, todos com menos de oito anos. Esses meninos, ativos e cheios de energia, pareciam estar sempre com problemas de um tipo ou de outro. Lembro-me de, mais de uma vez, tê-los tirado de brigas com seus colegas de classe.

Muitas pessoas bondosas ajudavam a família que passava dificuldades. Nunca me esquecerei do irmão que entrou em meu escritório certo domingo, duas semanas antes do Natal, pedindo para conversar comigo em particular. Estava preocupado com a jovem mãe e sua família e desejava fazer alguma coisa por eles. Será que eu poderia aceitar sua contribuição e usá-la como achasse melhor para eles? Ao conversarmos, mal notei seu filhinho que ficara conosco no escritório.

O homem explicou que não sabia o que a mãe e sua família necessitavam. Simplesmente desejava ajudar e sentia que eu seria inspirado quanto ao que fazer. Entregou-me uma considerável soma de dinheiro — não considerável na quantia, mas considerável por causa de sua condição humilde, que eu bem conhecia. Eu sabia que aquele presente representava um verdadeiro sacrifício para o Natal de sua própria família, pelo menos no sentido material, mas, este sábio irmão conhecia a fonte das verdadeiras recompensas.

Observando o brilho da resolução em seus olhos, protestei apenas ligeiramente. Então, limpei a garganta, emocionado, e agradeci por seu desprendimento, prometendo que faria o possível para tornar melhor o Natal daquela mãe e seus filhos. Também concordei em guardar sigilo sobre sua doação.

A história poderia terminar aqui e, ainda assim, ser memorável, mas o acontecimento que gravou esta experiência em minha mente ainda estava para ocorrer. Não foi a maneira como ajudei a família com a bondosa contribuição — embora essa viesse a ser extremamente gratificante — mas o que aconteceu em meu escritório uma semana depois da visita desse bom irmão.

Faltavam apenas alguns dias para o Natal e eu estava no meio das entrevistas de acerto do dízimo. Ouvi um leve bater na porta do escritório e, quando a abri, vi, em pé, sozinho, o menino de seis anos que estivera silenciosamente sentado em meu escritório, enquanto o pai e eu conversáramos no domingo anterior.

Quantas lições poderíamos tirar daquele momento — o exemplo de um pai, a confiança de um menininho no bispo, e a ação cristã e humilde de uma criança sem dolo. Há poucas semanas eu havia tirado esse menino de uma briga com aqueles a quem agora oferecia, sem rancor, amor e caridade.

Abracei-o, em parte para esconder minhas lágrimas — e principalmente para dizer-lhe o quanto o apreciava e como sabia que seu Pai Celestial o amava. Levei-o então até a porta, apertei-lhe a mão, e assegurei-lhe que faria o melhor que pudesse para ajudar seus amigos neste Natal, com seu generoso presente. Ao virar-me para entrar no escritório, ele disse baixinho: "E lembre-se, bispo, nunca conte a ninguém que fui eu."

Bem, eu não contei a ninguém até agora, meu jovem amigo. Espero não ter importância contar nossa história especial desta forma. Assim, outros poderão sentir um pouco do calmo espírito natalino de amor e caridade, que sentimos naquele dia. □

Perguntou gentilmente se poderia conversar comigo por um minuto só. Depois de entrarmos no escritório — o que presumo ser sempre uma experiência assustadora para um menino — convidei-o a sentar-se. Ele procurou alguma coisa no bolso e, depois de algum esforço, tirou três moedinhas e depositou-as em minha escrivaninha. Ele se desculpou de que esse fosse todo o dinheiro que possuía e que as moedas estivessem um pouco velhas e sujas, visto que as tinha há muito tempo. O dinheiro, explicou, era para que eu ajudasse seus três amigos, assim com seu pai estava ajudando a mãe. Enquanto meu coração se enchia de emoção e meus olhos se umedeciam, ele acrescentou que achava que eu saberia melhor como repartir seu tesouro com seus amigos.

Richard A. Robb, um cientista que participa de pesquisas médicas na Clínica Mayo, é presidente da Estaca Rochester Minnesota, nos EUA.

FOTOGRAFIA DE PEGGY JELLINGHAUSEN

NATAL
em Bolzano

Patrick Sean Hopkins

Élder Stout e eu decidimos fazer uma oração antes de sair novamente naquela véspera de Natal. Chegáramos de nossa última visita, e eu não desejava tornar a sair naquela noite gélida do inverno italiano. Meu companheiro, porém, achava que ainda tínhamos tempo para o nosso projeto natalino.

"Por favor, guia-nos àqueles que não têm um lugar especial para ir durante o Natal", pedimos. "Por favor, ajuda-nos a alegrar os tristes e solitários nesta ocasião."

Resmungando, abotoei novamente o sobretudo que pouco antes havia desabotoado com tanta satisfação, enquanto élder Stout juntava os presentes de Natal que sobraram dos que havíamos dado aos nossos pesquisadores — cinco velas de Natal enfeitadas com ramos de azevinho e bases de papel alumínio. Nós mesmos as tínhamos feito nas semanas anteriores, enquanto ensaiávamos "Venite Fedeli" ("Erguei-vos, Cantando") a fim de cantar para as pessoas que encontrássemos vagando sem um lugar para ir na véspera de Natal.

Saímos para as ruas frias e desertas de Bolzano, e tentei encontrar alguém a quem pudéssemos alegrar. Estava na Itália há cerca de vinte dias e, embora entusiasmado com o trabalho missionário, ainda achava difícil dirigir-me a estranhos e falar-lhes em uma língua que mal conhecia, sobre coisas nas quais eles não pareciam interessados.

Um homem começou a andar em nossa direção, evitando encarar-nos. Demos um jeito de parar e falar com ele, acendemos uma de nossas velas e cantamos para ele.

Ao cantarmos, o olhar distante que tinha desvaneceu-se. Não somente um sorriso, mas um calor genuíno invadiu-lhe o rosto. Senti-me bem. O homem prosseguiu com nova vitalidade e minha atitude relativa a nossos planos para a noite mudou. Afinal, seria uma boa noite.

Depois, andando para o centro da cidade, encontramos um homem grisalho. Usava uma jaqueta grossa e coxeava com a ajuda de uma muleta sob o braço esquerdo. Élder Stout o reconheceu como alguém com quem conversara antes de minha chegada à Itália. Nós o presenteamos com uma vela, e cantamos nossa música de Natal.

Ele ficou perplexo. "Vocês não querem vir comigo?" perguntou em italiano, com um forte sotaque alemão. "Estou a caminho da igreja." Concordamos e seguimos vagarosamente para a cidade, junto com ele. Enquanto prosseguíamos, élder Stout e o homem continuaram conversando.

Durante sua conversa, estudei nosso amigo e notei que, naquela temperatura incrivelmente baixa, a mão que lhe sustentava o corpo com a muleta estava sem luva. "Por favor, pegue esta luva para sua mão esquerda", consegui dizer.

"Não, não", respondeu ele. "Há muitos anos passei o inverno na Rússia, quando soldado, com menos do que estou usando agora. Isto não é nada comparado com o que passei."

Aproximamo-nos da igreja, e notamos um grande número de pessoas esperando fora. Nosso amigo gritou para eles: "Hei, estes americanos querem cantar para vocês e dar-lhes um presente!" Isto não era exatamente o que planejáramos fazer, mas, de qualquer modo, cantamos e demos uma das três velas que ainda sobravam. Nosso amigo ficou de lado e sorria.

A noite se tornava cada vez mais fria, e assim, quando terminamos, élder Stout e eu lhe pedimos que aceitasse uma de nossas luvas para proteger-lhe a mão. Mais uma

Nem sempre os anjos vestem mantos brancos esvoaçantes, mas se apresentam em tamanhos, cores e nacionalidades diferentes. Alguns andam de muletas.

vez ele explicou que havia passado um inverno na Rússia há muitos anos e sofrera muito mais.

Então um carro parou perto da igreja e dele saiu uma senhora bem vestida, com o filho. O menino gritava, reclamando por ter que ir à igreja na noite anterior ao seu dia predileto. Enquanto a mãe tentava acalmá-lo, nosso amigo nos levou a eles. Enquanto lhe seguíamos os passos, dados com dificuldade, ele clamou: "Hei, esses rapazes americanos querem cantar para vocês e dar-lhes um presente!"

Ajoelhamo-nos, ficando à altura do menino, e fizemos nossa apresentação. Enquanto o menino, de olhos espantados e em silêncio, ouvia atentamente nosso hino bem ensaiado, eu podia ver nosso amigo sorrindo e desfrutando cada minuto. Quando nos levantamos e desejamos feliz Natal à mãe, notamos que ela chorara enquanto cantávamos. Sorriu-nos e, antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, nosso amigo lhes desejou feliz Natal de uma forma que só Papai Noel (Pai Natal) poderia superar.

Nós repetimos seus votos e viramo-nos para nosso amigo, a fim de dizer-lhe que ainda tínhamos uma vela e planejávamos continuar até encontrarmos alguém a quem dá-la.

Ela baixou os olhos e, voltando-se para nós, disse: "Bem, aqui está mesmo muito cheio. Talvez eu vá com vocês para uma igreja menor."

Feliz por ouvir que ainda contaríamos com sua alegre companhia, saímos, a fim de encontrar outra igreja. Nosso amigo manco nos guiou pelas ruas silenciosas, mas a outra capela estava fechada. À medida que ia esfriando, eu me lembrava da mão de nosso amigo, tentando imaginar como seria estar com a mão descoberta, enregelando-se em uma única posição, segurando a muleta. Ambos oferecemos nossas luvas e, mais uma vez, ele recusou.

Ao nos afastarmos da igreja, vimos duas adolescentes andando tristes pela rua. Em poucos segundos nosso amigo estava gritando: "Hei, esses rapazes americanos desejam cantar para vocês e dar-lhes um presente!" Lembrando-me de que nos restava apenas uma vela, e não duas, fiquei um pouco inquieto. Não obstante, acendemos a vela e a demos a uma das jovens.

"E a outra jovem?" perguntou nosso amigo. Depois que élder Stout explicou que já havíamos dado a última vela, nosso amigo gritou: "Esperem!" e começou a procurar algo em seus bolsos. Encontrou a vela que lhe déramos e entregou-a à outra jovem. Élder Stout e eu cantamos nosso hino, enquanto nosso amigo ficava ao lado, sorridente. As jovens também começaram a sorrir.

Quando se retiraram, élder Stout disse: "Bem, esta foi a última de nossas velas. Acho que está na hora de ir para casa." Nosso amigo nos disse que nos acompanharia até a outra igreja. Quando chegamos, desejamo-nos mutuamente feliz Natal e nos separamos.

De volta a nosso apartamento, élder Stout e eu nos ajoelhamos em oração. Agradecemos ao Senhor por nos tornar possível tocar alguns corações e fazer brilhar uma pequenina luz em rostos entristecidos. Também lhe agradecemos pela lição de que nem sempre os anjos vestem mantos brancos esvoaçantes, mas se apresentam em tamanhos, cores e nacionalidades diferentes. Alguns andam de muletas. □

Patrick Sean Hopkins é membro da Ala Um de Manhattan, Estaca de Nova York, nos EUA.

"Presépio Espanhol", de J. Puig Llobera.
Maria e José se ajoelham em humilde adoração ao Cristo menino. Essas figuras de terracota, feitas a mão, têm vestimentas confeccionadas em papel-machê. As roupas refletem as ricas origens do Velho Mundo na cultura espanhola.

Este presépio de Hong Kong é feito de bambu. Os braços de Maria, José e os três Reis Magos estavam originalmente em posição de oração fervorosa. Através dos anos, porém, o bambu ressecou e abriu-se, de modo que Maria e dois dos Reis Magos parecem dar boas-vindas ao milagre, de braços abertos. (Vide "A Natividade", p. 34.)